

João Paulo Silvestre

Universidade de Aveiro, Portugal
jpsilvestre@ua.pt

 <https://orcid.org/0000-0002-5980-0075>

ONOMÁSTICA E ANTROPONÍMIA NAS FONTES METALINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS

Onomastics and anthroponymy in metalinguistic sources of the Portuguese language

ABSTRACT

The article analyses the treatment of proper names, particularly anthroponyms, in metalinguistic works and dictionaries in Portugal up to the 18th century. Prior to Rafael Bluteau's work from 1728, authors such as Fernão de Oliveira and Duarte Nunes de Leão primarily focused on the phonological and orthographic features of anthroponyms. In terms of lexicography, the anthroponyms identified are not many, mostly in connection with biblical names. From the mid-17th century, names from the Greco-Latin and Christian traditions were adapted and recorded, following the criteria similar to those established for orthographic regularization referring to etymology.

KEYWORDS: onomastics, anthroponymy, re-latinization

1. INTRODUÇÃO

Os nomes próprios, especialmente os antropónimos, ocupam um espaço bastante modesto nas obras metalinguísticas publicadas em Portugal, até ao início do século XVIII. Nos tratados de ortografia, a presença de nomes próprios pode dever-se a particularidades nas soluções gráficas, motivadas pela adaptação para o português de nomes provenientes da tradição greco-latina, ou de nomes bíblicos; nas gramáticas, são brevemente mencionados por não apresentarem variação em género ou número. No que respeita aos dicionários, o facto de a produção lexicográfica ser essencialmente bilingue, direciona a descrição também para os nomes da tradição clássica.

O primeiro inventário extenso de nomes próprios portugueses deve-se a Rafael Bluteau, publicado em 1728 como anexo ao *Vocabulário portuguez, e latino* (1712–1728). É acompanhado de uma sistematização teórica, explicitamente dirigida aos leitores estrangeiros, com minuciosas explicações a propósito da formação dos nomes em português, sobre aspetos como a frequência de uso, a combinação dos apelidos ou o emprego da preposição *de* (Silvestre 2023).

No presente trabalho, procuramos identificar os principais objetivos da reflexão meta-linguística ou descrição lexical precedentes a Bluteau, representados nas obras de Oliveira (1536), Leão (1576), Cardoso (1592) e Pereira (1697).

2. O NOME PRÓPRIO EM OLIVEIRA E LEÃO

Em Fernão de Oliveira, na *Grammatica da lingoagem portuguesa*, não se encontram definições sobre categorias de nomes, destacando aspetos relacionados com género e número (Assunção 2004). O plano para a primeira anotação, apresentado no prólogo, é o de uma gramática geral, apontando “alghũas partes neçessarias da ortografia: acento: ethimologia: e analogia da nossa linguagem em comuẽ e particularizando nada de cada dição: porq̃ isto ficara para outro tempo e obra” (Oliveira 1536: A2r). Trata-se de um momento instituidor da gramatização, na medida em que assinala a existência de uma gramática, mas sem a enquadrar em complexas teorizações da tradição especulativa que dificultariam a síntese unificadora. O plano de estudos linguísticos seria completado com outra obra sobre a “natureza dos casos e da composição da língua”, os nomes e verbos irregulares.

Há exemplos de antropónimos ao longo do discurso metalinguístico, explicitamente assinalados como nomes próprios. Na maior parte dos casos, são trazidos à discussão não pelo facto de serem antropónimos, mas pelas particularidades fonológicas da palavra:

Tambẽ tem o acento na ultima as partes acabadas em .z., como rapaz. perdiz. arroz. arcabuz; e quãdo acabam em .l. como bancal. pichel. covil. çerol. azul; e outro tanto as acabadas em .s. como tomas. nome proprio dhomẽ. inves. retros. tirãdo marcos. lucas. e domingos. nomes proprios (Oliveira 1536: C2v).

A originalidade de Oliveira reside em observações sobre a estrutura lexical do português. Por exemplo, a indicação de que, tal como os nomes comuns, os antropónimos podem ser percebidos como palavras fora de uso (“As dições velhas são as que forão usadas; mas agora são esq[ue]çidas como .Egas. Sancho. Dinis. nomes p[ro]prios” (Oliveira 1536: D1r)). Oliveira descreve um sistema lexical em que a identificação de analogias permite aos falantes distinguir as classes de palavras. Associa propriedades distintivas aos nomes próprios, como a irregularidade dos processos morfológicos na formação de adjetivos. No caso dos antropónimos, aponta que não existe uma relação previsível em pares de nomes atribuídos a homens e mulheres:

e de francisco dizemos francisca: mas não dizemos de Gõçalo, gonçala, posto q̃ este derradeiro é mais nosso; e não menos de johane dizemos joana, mas de afonso não nos atrevemos a dizer afonsa. e ainda nesses q̃ temos somos diferêtes porque de domingos dizemos domingas. mas de Marcos. q̃ tambẽ acabo em .os. não dizemos marcas (Oliveira 1536: D5v).

A obra de Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, de 1576, procura configurar o sistema ortográfico do português de forma que seja compatível com a transposição de nomes da erudição clássica através do alfabeto latino. Numa perspectiva

etimologizante do sistema ortográfico, os dígrafos latinos ficam disponíveis para as formas portuguesas de nomes próprios e comuns vinculados às línguas clássicas, incluindo os antropónimos.

Assim, no âmbito das regras da ortografia portuguesa cabem grafias como *Agamemnon*, *Clytemnestra*, *Clytumnus*, *Lemnos*, *Memnon*, *Mnestheus*, *Polymneia* (Leão 1576: 12v), mas também os nomes ‘peregrinos’, isto é, os nomes estrangeiros com origem fora das culturas greco-latinas como *Amri*, *Nemrot*, *Samson* (Leão 1576: 37v).

A legitimidade do aporuguesamento de nomes próprios fundamenta-se no conhecimento etimológico, como exemplificado pelo radical *theo-* (*Theodosio*, *Theotónio*, *Theodoro*, *Theophrasto*, *Theocrito*, *Theophilo*, *Theophilacto*, *Timotheu*) ou *agatho-* (*Agathocles*, *Agathosthenes*) (Leão 1576: 50v). Da mesma forma, por analogia adaptam-se os nomes estrangeiros em que são identificadas raízes de línguas semíticas, helenizadas e posteriormente latinizadas. Estes nomes, difundidos e popularizados nas vidas de santos, foram progressivamente integrados no fundo onomástico da Europa Ocidental. Leão regista formas como *Elizabeth*, *Nazareth*, *Judith*, *Iapheth*, *Ruth*, *Goliath*, *Thamar*, *Seth*, *Zenith*, *Martha*, *Mattheus*, *Thomas*, *Bartholomeu*, *Mathias* e *Mathusalem* (*ibidem*).

Algumas referências originais sobre nomes próprios antropónimos surgem a propósito de tópicos de regulação ortográfica. Na secção sobre o uso da letra maiúscula encontramos a enumeração dos termos que designam os constituintes do nome:

Que todo nome proprio de homem ou molher, se screua com a primeira letra grande, capital, como Lourenço, Antonio, Duarte, Maria, Ambrosia. E assi os cognomes, ou appellidos, ainda que em outra maneira sejam appellatiuos, ou cõmuus, como Sylua, Pereira, Carualho, Lobo, Raposo, Gama, para cõ a dicta maneira screuer, se tirar a duuida q aas vezes incide, quando são appellatiuos, ou proprios (Leão 1576: 37v).

A propósito do uso do artigo definido, encontra-se uma descrição indireta sobre a avaliação social do uso de artigos com nomes, os quais podem denotar um registo associado a falantes mais antigos. Isso sugere que o nome sem artigo pode ser interpretado como uma característica recente ou indicativa de um uso menos controlado ou cuidadoso. Simultaneamente, o uso do artigo estaria agora reservado ao apelido, indicando que o nome de família está a funcionar como primeiro nome. Este uso, de resto, ainda se observa no português contemporâneo.

dizemos: Pedro corre, não, o Pedro. Cæsar vence, não o Cæsar. Dõde se segue, que errão huus, que por se fazerem mais Portugueses do necessario, muito anciãos, dizem, o Bartolo diz isto, o Baldo diz aquell’outro. O que he cõtra a propriedade dos articulos, que não se ajuntão aos nomes proprios: porque não demonstrão, o que naturalmente stá demõstrado. Ainda que nos appellidos, cognomes de pessoas mui conhecidas, de que frequentemente fazemos menção, se ponhão alguas vezes, como quando dizemos, o Pinheiro, o Nauarro (Leão 1576: 64v).

3. ANTROPÓNIMOS EM CARDOSO E PEREIRA

A ocorrência de antropónimos é muito rara nos primeiros dicionários bilingues latim-vernáculo. No dicionário português-latim de Jerónimo Cardoso (1592), por exemplo, entre mais de 12 000 entradas, encontramos apenas uma referência para Adão: “Adam primeyro homem. Adamus, i” (ver Viaro 2021). O volume inclui um dicionário especializado, em latim-português, com foco em termos relacionados com a atividade religiosa. Este dicionário conta com mais de 600 entradas, das quais cerca de 30 são dedicadas a nomes de origem bíblica. Nas entradas, são distinguíveis dois paradigmas de formas. Por um lado, encontramos nomes em latim, acompanhados pela especificação dos morfemas de declinação. Nestes casos, a estrutura do artigo não sugere uma forma adaptada na tradução para o português, embora esses nomes sejam empregues em língua portuguesa, sem que seja fornecida informação sobre a sua pronúncia efetiva. Por outro lado, é comum encontrar citações de outros nomes relacionados com o termo de entrada, o que evidencia o seu uso recorrente em textos em vernáculo. Adicionalmente, surgem nomes de origem hebraica, que são registados sem informações flexionais, sugerindo implicitamente que possam ser transcritos dessa forma em português.

- ▶ Aaron. Se chamou o irmão de Moyses. Quer dizer, monte forte, ou monte de fortaleza. Foy summo Sacerdote de Israel.
- ▶ Beniamin. He nome de hum filho de Iacob. Quer dizer filho da mão direita. Porque ben, quer dizer filho & iamin. mão direita. Este nome lhe deu seu pai Iacob, sendo de oyto dias & sua mãe Rachel morrendo de parto delle, lhe chamou Benoni, filho da minha dór.
- ▶ Damasus, si. Nome de hum papa Castelhana.
- ▶ Gabriel. Hebraicè. Quer dizer fortaleza. He nome de hum Archanjo.
- ▶ Dalila, ou Delila. Nome de molher que enganou a Sansam.

A antroponímia bíblica assume uma relevância significativa nos compêndios lexicográficos de uso escolar, dada a ligação destes nomes a conceitos, valores e metáforas que desempenham um papel fundamental na compreensão e produção do discurso religioso, particularmente no contexto da oratória sacra.

- ▶ Emmanuel. Hebraicè. Quer dizer Deos com nosco.
- ▶ Abiezer. Nome proprio. quer dizer. padre meu forte.ou ajuda.ou sanctificação de meu padre.ou pedra de ajuda. He dição Hebraea.
- ▶ Azarias. nome proprio de varão.

Observa-se também a seleção de elementos retóricos, que funcionam como lugares-comuns, retirados de sentenças e permitindo desenvolvimentos textuais. Neste contexto, são citados nomes de personagens da história romana, com o intuito de fornecer informações extralinguísticas culturalmente valorizadas.

- ▶ Deu Alexandre a Aristoteles polos liuros de Animalibus quatrocentos & oitenta mil cruzados.
- ▶ Gastou Cleopatra na cea que deu a Marco Antonio. dozentos & cincoenta mil cruzados.
- ▶ Marco Antonio ouue de Asia em hum anno. cento & vinte contos de ouro.

No dicionário português-latim de Bento Pereira não há uma evidente alteração de critérios no que diz respeito à inclusão de onomástica. O *Thesouro* tem aproximadamente 24 500 entradas e foi publicado pela primeira vez em 1647 (neste trabalho seguimos edição de 1697, em que surge no mesmo volume que o dicionário latim-português). Os jesuítas conceberam esta obra com a intenção de servir de apoio ao ensino e o enfoque ainda é predominantemente religioso, com as entradas *Adam*, *Mafamede*, ou *Mafoma*, como únicos exemplos de antropónimos. Também ocorrem expressões como *Ave Maria* e *Mestre de Santiago*, em que o elemento onomástico faz parte de uma unidade pluriverbal.

É relevante notar a inclusão no dicionário do termo *alcunha*, utilizado indistintamente para traduzir unidades que ocupam duas posições na estrutura do nome latino, e o termo *apelido* (com o mesmo significado de *alcunha*). Esta polissemia persiste na língua portuguesa, considerando que as palavras *alcunha* e *apelido* podem ser consideradas sinónimas no português atual¹.

- ▶ *Alcunha*. Cognomen, inis. Cognomentum, i.
- ▶ *Alcunha*, que se antepoem ao nome. Praenomen, inis.
- ▶ *Apelido*. Cognomentum, i. Cognomen, inis.

O dicionário compilado por Bento Pereira foi usado dos colégios jesuítas ao longo do século XVII e em grande parte do século XVIII. Proporcionou, no contexto da língua portuguesa, um recurso comparável aos dicionários inspirados no Calepino, que acumulavam informações referentes à mitologia, apresentadas sob a forma de breves explicações de natureza erudita, extratos literários e estruturas linguísticas. O objetivo destas obras era facilitar a interpretação dos autores clássicos, esclarecendo epítetos, descrições poéticas e simbólicas.

- ▶ *Acamantius*, ii, m. g. Nome de hum Philosopho.
- ▶ *Acco*, us, f. g. Nome de huma mulher douda.
- ▶ *Acidalia*. Sobre nome de Venus.
- ▶ *Aemonides*, ae, m. g. Nome de hum homem.

O registo lexicográfico e a adaptação para o português de nomes de origem grega e latina são motivados pelo crescente uso da língua portuguesa em textos que tradicionalmente eram redigidos em latim, como sermões e discursos (Barros 2015). Para responder a esta procura, espera-se que o dicionário forneça uma normalização ortográfica, sobretudo para os nomes de origem grega. Além disso, também há interesse pelos nomes de santos, mártires e bispos, que se difundiam nas línguas nacionais através da prática de batizar os cristãos com nomes da hagiografia.

- ▶ *Curonatus*, i, m. g. Curonato, nome de homem. 1. 2. 3. l.
- ▶ *Cyrellus*, i, m. g. Cyrillo, nome de homem, nome de varios Santos Bispos, & Arcebispos.

¹ Ainda que haja diferenças de emprego entre o português europeu e o português do Brasil, nomeadamente no facto de, no português europeu, o termo *apelido* ser preferido para designar o nome de família. No Brasil, este é preferencialmente designado por *sobrenome*.

- ▶ Emmanuel, is: alii Emanuel, & Imanuel. Manoel, nome de Christo, id est, Deos com nosco. Hebr.
- ▶ Joannes, is, m. g. Joaõ nome de homem (S. Joaõ Baptista, S. Joaõ Evangelista, &c.).
- ▶ Higinus, i, m. g. Higinio, nome de homem.
- ▶ Dorotheus, ei, m. g. A dadiva de Deos; item Dorotheo nome proprio.
- ▶ Paulus, i, m. g. Paulo nome proprio.
- ▶ Paulinus, i, m. g. Paulino nome proprio de homem.
- ▶ Carolus, i, m. g. Carlos, nome proprio de homem.

O espaço destinado ao património paremiológico nos dicionários também contribui para a difusão da onomástica associada à religião. Essas unidades linguísticas, dotadas de significado, são percebidas simultaneamente como entidades que requerem descrição semântica e como demonstrações da vitalidade e riqueza expressiva de uma língua nacional. São numerosos os exemplos de provérbios que incorporam nomes de santos.

- ▶ A cada porco vem seu S. Martinho.
- ▶ Comerà os ferros de S. Francisco.
- ▶ Dizem os sinos de S. Antam, que por dar dam.
- ▶ Do Natal a S. Luzia cresce hum palmo o dia.
- ▶ He salsa de S. Bernardo.
- ▶ O que senão faz dia de S. Luzia, fazse ao outro dia.

4. ANTROPÓNIMOS, MITÓNIMOS E EPÍTETOS NA NOMENCLATURA EM PORTUGUÊS

O *Vocabulario portuguez, e latino* de Bluteau (1712–1728) é mais extensa e abrangente descrição do léxico português publicada até então. Embora formalmente seja um dicionário bilingue, foi concebido em um período em que a lexicografia monolíngue estava em desenvolvimento, já refletindo influências dos trabalhos em andamento para a preparação de dicionários para a descrição detalhada das línguas vernáculas. Uma dessas influências é a atenção dada à relação entre as línguas modernas, especialmente no que diz respeito aos empréstimos lexicais e à influência da circulação de textos e traduções.

Sem ambição de apoiar a experiência escolar da aprendizagem das línguas, como era o caso do dicionário de Bento Pereira, o trabalho de Bluteau está situado no cruzamento das tipologias predominantes no final do século XVII. Estas incluíam os dicionários históricos (que indexavam nomes de pessoas e lugares), os dicionários de coisas (que tratavam do léxico) e os dicionários universais (que abrangiam os dois anteriores).

Bluteau classificou o seu trabalho como “dicionário verbal” que ensina “o uso das palavras”: “em bons Diccionarios de Linguas, ou (como já lhes chamey) Verbaes, se achão todas as disciplinas com os termos, de que usaõ, alfabeticamente explanadas”, incluindo “a Rhetorica, e a Poesia com etymologias, com Adagios” (Bluteau 1712–1728: *Supp.*, II, *Vocabulario de vocabularios*).

A nomenclatura do dicionário inclui os termos que designam os diferentes elementos da estrutura no nome. O artigo mais extenso é dedicado à palavra *nome*, genericamente definida como “Palavra apropriada a algũa cousa, ou pessoa, para se conhecer, & distinguir de outra”. A maior parte do artigo descreve a estrutura do nome latino, da qual se adaptam as designações portuguesas. Uma inovação em relação a Cardoso e Pereira é a inclusão de expressões que descrevem práticas de nomeação, como “nome do batismo” (“he o que dão os Padrinhos ao Christão quando o bautizão”) e “nome da religião” (“he o que Religiosos, & Religiosas tomão, quando tomão o habito”) (Bluteau 1712–1728 s.v. *nome*). Este dicionário também é o primeiro a registar, expressões semanticamente relacionadas ao ato de nomear, que são: “Mudar o nome. Tomar, & apropriarse outro nome. Trocar os nomes huns com outros. Impor hum nome. Nome imposto. Tomar hum nome. Chamar alguem pelo seu nome. Dar a alguem o seu nome. Conhecer alguem pelo seu nome. Chamar nomes” (*ibidem*).

A sobreposição quase-sinonímica entre os termos *alcunha*, *sobrenome* e *cognome* parece bem estabelecida, ao ponto de o dicionarista remeter circularmente para os respectivos artigos. A alcunha é um nome adicionado ao nome próprio, ou ao nome de família, e pode por isso funcionar como sobrenome. O cognome, tal como é descrito no artigo, parece ser um sinónimo de sobrenome. O apelido é o nome que designa a família e, pela posição que ocupa na estrutura do nome, pode ser classificado como um sobrenome; todavia, não se confunde com alcunha.

- ▶ Alcinha. Nome acrescentado a o proprio, & ao da familia, em rezão de algum caso fortuito, de alguma imperfeição corporal, ou moral, ou de algum successo extraordinario. Vid. Sobrenome.
- ▶ Appellido. Derivase do Latino *Appellare*, que quer dizer Nomear; & Appellido vem a ser o mesmo que em latim *Cognomen*. Vid. Sobrenome.
- ▶ Cognóme. Nome, que se segue ao nome proprio, v. g. em D. Pedro de Castro, o nome proprio he Pedro, Castro he o cognome. *Cognomen, inis. Neut. ou Cognomentum, i. Neut.* V. Sobrenome. (...) Cognome às vezes se toma por alcunha, ou sobrenome. Vid. nos seus lugares.
- ▶ Sobrenome. O nome da casa, & família, acrescentado ao nome do Bautismo, ou ao nome proprio, v. g. Pedro Viegas, Joaõ Rebello. Pedro he o nome proprio, & Viegas o sobrenome, Joaõ he o nome proprio, o sobrenome he Rebello.

O facto de neste dicionário se valorizar a retórica e a poesia abre espaço para categorias lexicais exploradas por Bento Pereira na *Prosódia*, que aqui são listadas como epítetos e mitónimos, com o estatuto de palavras portuguesas (“He verdade, que no meu Vocabulario tenho dado lugar a nomes de pessoas, como v. g. *Apollo, Atlante, Bacco, Bellorophon, Cadmo, Faetonte*, &c. mas estas são pessoas fabulosas, e ficticias, e como taes nem cousas são” (Bluteau 1712–1728: *Supp.* II, Ao leitor pseudocritico). Todavia, o tratamento lexicográfico destas unidades lexicais alarga-se em informações para uma correta interpretação e uso em discurso elaborado, com a descodificação das metáforas, símbolos e mitos.

A expansão para um discurso histórico e enciclopédico é confirmada pela presença de entradas e extensos artigos dedicados não só à mitologia da antiguidade greco-latina, mas também do Egito e do norte da Europa, bem como a deuses pagãos e epítetos referidos na Bíblia, que decerto não seriam comuns na poesia portuguesa (Silvestre 2008).

Os epítetos latinos neste período gozariam de um estatuto lexical dúbio, consideradas ora palavras portuguesas, ora latinas. O *Vocabulario* admite na nomenclatura epítetos derivados de adjetivos e topónimos latinos, mas o facto de o lexicógrafo não apresentar abonação em autores portugueses para uma parte destas palavras sugere nem todos os epítetos possuem a mesma capacidade de se adaptar à morfologia portuguesa. As fontes das formas autorizadas encontram-se geralmente nos poetas dos séculos XVII e XVIII:

- ▶ Delio. Epitheto, que os Poetas dão a Apollo, ou ao Sol, por ter nascido na Ilha de Delos. Delius. Virg. / Nas aguas se mergulhe o Delio Nume. / Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 367.
- ▶ Gradivo. Epitheto, que deraõ os Poetas ao Deos Marte (...) Toma espada o Gradivo soberano. Faria, Fonte de Aganipe, liv. I. Centuria 6. Soneto 84.

Tabela 1. Nomes na nomenclatura portuguesa de Bluteau (1712–1728)

ACIDALIA	CELMES	DEVERRA	LAVERNA
ADRASTEIA	CENEO	DICE	LIBENTINA
AGENORIA	CEPHALO	DIONYSIO	LIBER
AGNIFERO	CEPHEO	DIRCEO	LIBITINA
ALBUNEA	CEPHISO	EDUSA	MATUTA
ALTHEA	CERES	EGERIA	MEDRITINA
ANETIS	CHARYBDE	EGIOCHE	MENDRACULA
ANTÏTYPO	CHIONE	EGOBOLO	MONDINA
ARMÏSONO	CHLORIS	ELELEO	MONETA
ARTEMISA	CINTILIA	EMPANDA	MULCIBER
ATALANTA	CIRCE	EPONA	NEMESIS
BELONA	CLEMENCIA	FEBUO	NOCTURNA
BENDIS	CLIO	FELECIDADE	NUMERIA
BONA	CLITIA	FENONIA	PANDA
BRIZO	CLITORIS	FERENTINA	PAPHIA
BRONTEO	CLOTHO	FERETRIO	PYTHIO
CADMO	CONCÓRDIA	FURINA	RUMINA
CALLÔPE	CORONIS	GALATHEA	RUSINA
CALLIRHOE	CRANA	GRADIVO	VESPERTINO
CALYPSO	CROCUS	HALEA	VIRGINIANA
CARDINIA	CRODO	HERSE	VITREO
CARIATIDES	CUPIDO	HERTA	VOLUTINA
CEIX	CYBELE	HYPERIAÕ	
CELENO	CYPARISSO	IMPUDENCIA	
CÊLERES	DELIO	INTERCISO	

O número de epítetos é elevado, se somarmos aos que fazem parte da nomenclatura todos que ocorrem nas glosas. A técnica de redação destes artigos inclui a explicação de seus significados e a evocação de episódios fabulosos ou circunstâncias como o nascimento, poderes, local de culto ou metamorfose de uma personagem mitológica. O facto

de o lexicógrafo integrar essas palavras com naturalidade no enunciado português constituiria uma autorização implícita de seu uso no vernáculo.

5. CONCLUSÃO

Comparando as obras analisadas, observa-se uma evolução significativa na abordagem dos antropónimos. Oliveira e Leão iniciam a reflexão metalinguística com foco nas características fonológicas e ortográficas dos nomes, enquanto Pereira mantém um enfoque mais restrito, refletindo a função didática da sua obra, no enquadramento do discurso religioso.

Bluteau, entretanto, amplia consideravelmente o escopo da análise onomástica, proporcionando uma descrição detalhada e sistemática dos nomes próprios em português. Esta obra de superação não apenas documenta um vasto número de nomes, mas também oferece uma reflexão teórica sobre a formação e o uso destas unidades lexicais, destacando-se como uma referência na lexicografia portuguesa.

Se as obras de Oliveira e Leão representam os primeiros passos na análise metalinguística dos nomes próprios, e Pereira reforça o uso pedagógico dos antropónimos, Bluteau propõe uma abordagem abrangente e sistemática, marcando um avanço significativo no estudo da onomástica e antroponímia em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO Carlos, 2004, *O nome na historiografia linguística portuguesa. Do primeiro período da linguística portuguesa ao final do séc. XIX*, (in:) *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*, Ana Maria Brito, Olívia Maria Figueiredo, Clara Araújo Barros (eds.), Porto: Faculdade de Letras, 29–50.
- BARROS Anabela Leal de, 2015, *A inflexão erudita do português clássico segundo fontes metalinguísticas monolíngues e multilíngues: restauração de sequências consonânticas etimológicas*, (in:) *Novas perspectivas linguísticas no espaço galego-português*, Aldina Marques, Xosé Manuel Sánchez Rei (eds.), A Coruña: Universidade da Coruña, 67–88.
- BLUTEAU Raphael, 1712–1728, *Vocabulario portuguez, e latino (...)*; tomos I e II: Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa: Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.
- CARDOSO Jerónimo, 1592, *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum*, Olyssipone: Alexander de Syqueira.
- LEÃO Duarte Nunes de, 1576, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, Lisboa: João de Barreira.
- OLIVEIRA Fernão de, 1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa, Germão Galharde.
- PEREIRA Bento, 1697, *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta (...). Septima editio auctior, et locupletior (...)* (inclui: *Thesouro da lingua portugueza; Primeira parte das frases portuguezas, a que correspondem as mais puras, & elegantes Latinas como tiradas de Marco Tul-*

lio, & outros Autores de primeira classe; Segunda parte dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial corespondente; Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor vel olim á se compositas, vel à probatissimis Scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit), Eborae: ex Typographia Academiae.

SILVESTRE João Paulo, 2008, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SILVESTRE João Paulo (ed.), 2023, *Rafael Bluteau. Vocabulário de nomes próprios*, Aveiro: UA Editora.

VIARO Mário Eduardo, 2021, *Os nomes próprios no Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem (1562/1563), de Jerónimo Cardoso*, (in:) *Nomes próprios: abordagens linguísticas*, Juliana Soledade, Nival Almeida Simões Neto (eds.), Salvador: EDUFBA, 201–224.